

# OLHAR LUSO-BRASILEIRO DA PEDAGOGIA POR TRÁS DA CANOAGEM EM ÁGUAS CALMAS

Luiz Fernando Cuozzo Lemos  
José Augusto Rodrigues Santos  
Fernando Tadeu Miranda Lemos

Samuel Klippel Prusch  
Igor Martins Barbosa

SÉRIE  
EXTENSÃO





# OLHAR LUSO-BRASILEIRO DA PEDAGOGIA POR TRÁS DA CANOAGEM EM ÁGUAS CALMAS

Luiz Fernando Cuzzo Lemos  
José Augusto Rodrigues Santos  
Fernando Tadeu Miranda Lemos

Samuel Klippel Prusch  
Igor Martins Barbosa



1.ª Edição



Santa Maria  
Pró-Reitoria de Extensão - UFSM  
2022

**Reitor**

Luciano Schuch

**Vice-Reitora**

Martha Bohrer Adaime

**Pró-Reitor de Extensão**

Flavi Ferreira Lisbôa Filho

**Pró-Reitora de Extensão Substituta  
Cultura e Arte**

Vera Lucia Portinho Vianna

**Desenvolvimento Regional e Cidadania**

Jaciele Carine Sell

**Articulação e Fomento à Extensão**

Rudiney Soares Pereira

**Subdivisão de Apoio a Projetos de Extensão**

Alice Moro Neocatto

Táís Drehmer Stein

Vinícius Lüdke Nicolini

**Subdivisão de Divulgação e Eventos**

Aline Berneira Saldanha

**Revisão Textual**

Matheus Cardozo

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Reginaldo Martins Barbosa Júnior

Natássia Gabaia

O45 Olhar luso-brasileiro da pedagogia por trás da canoagem em águas calmas [recurso eletrônico] / Luiz Fernando Cuozzo Lemos ... [et al.]. – 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2022.  
1 e-book : il. – (Série Extensão)

ISBN 978-85-67104-64-5

1. Canoagem 2. Esporte 3. Ensino I. Lemos, Luiz Fernando Cuozzo

CDU 797.122

## CONSELHO EDITORIAL

**Prof<sup>ª</sup>. Adriana dos Santos Marmori Lima**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**Prof<sup>ª</sup>. Olgamir Amancia Ferreira**

Universidade de Brasília - UnB

**Prof<sup>ª</sup>. Lucilene Maria de Sousa**

Universidade Federal de Goiás - UFG

**Prof. José Pereira da Silva**

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

**Prof<sup>ª</sup>. Maria Santana Ferreira dos Santos  
Milhomem**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

**Prof. Olney Vieira da Motta**

Universidade Estadual do Norte Fluminense  
Darcy Ribeiro - UENF

**Prof. Leonardo José Steil**

Universidade Federal do ABC - UFABC

**Prof<sup>ª</sup>. Simone Cristina Castanho Sabaini de  
Melo**

Universidade Estadual do Norte do Paraná -  
UENP

**Prof<sup>ª</sup>. Tatiana Ribeiro Velloso**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
- UFRB

**Odair França de Carvalho**

Universidade de Pernambuco - UPE

## CÂMARA DE EXTENSÃO

**Flavi Ferreira Lisbôa Filho**  
Presidente

**Vera Lucia Portinho Vianna**  
Vice-Presidenta

**José Orion Martins Ribeiro**  
PROPLAN

**Marcia Regina Medeiros Veiga**  
PROGRAD

**Denise Teresinha Antonelli da Veiga**  
CCS

**Monica Elisa Dias Pons**  
CCSH

**Andre Weissheimer de Borba**  
CCNE

**Suzimary Specht**  
Politécnico

**Marta Rosa Borin**  
CE

**Luciane Sanchotene Etchepare Daronco**  
CEFD

**Marcia Henke**  
CTISM

**Adriano Rudi Maixner**  
CCR

**Graciela Rabuske Hengdes**  
CAL

**Andrea Schwertner Charao**  
CT

**Tanea Maria Bisognin Garlet**  
Palmeira das Missões

**Fabio Beck**  
Cachoeira do Sul

**Evandro Preuss**  
Frederico Westphalen

**Regis Moreira Reis**  
TAE

**Elisete Kronbauer**  
TAE

**Suélen Ghedini Martinelli**  
TAE

**Isabelle Rossatto Cesa**  
DCE

**Daniel Lucas Balin**  
DCE

**Jadete Barbosa Lambert**  
Sociedade

## PARECERISTA AD HOC

Marília A. Barcellos

Cartilha aprovada em sessão ordinária da Câmara de Extensão no dia 03/09/2021.



# APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que oferecemos à sociedade a presente cartilha, que aborda a canoagem na modalidade de águas calmas. Nós, autores deste documento, temos um envolvimento de longa data na canoagem, atuando na formação de profissionais e atletas da canoagem portuguesa ou brasileira. Acreditamos que os conteúdos deste documento poderão auxiliar no desenvolvimento do esporte no mundo e, assim, a canoagem será mais facilmente difundida entre os interessados pelo esporte. Nesse sentido, o nosso texto busca oportunizar aos leitores a definição do que é canoagem e sua origem, bem como uma proposta de método para a iniciação e prática desta modalidade esportiva.

Aproveitamos a presente obra para destacar alguns temas transversais que são inerentes à prática do esporte, em especial questões relacionadas com a educação ambiental e salvamento em ambiente aquático, bem como para, resumidamente, ter um olhar sobre a canoagem portuguesa e expor o exemplo de sucesso do projeto brasileiro “Canoagem na Escola”. Projetos como esse, são excelentes campos para que se desenvolvam sinergias com



as universidades, propiciando as melhores condições para a formação plena dos futuros profissionais.

Para você leitor, esperamos que alcance uma “pagaiada” constante que o leve pelo nosso texto, aproveitando o “vento favorável” do conhecimento apresentado e que assim possa “navegar” na ampliação da canoagem mundial. **Boa leitura!**





# SUMÁRIO

<b>O QUE É CANOAGEM?</b> .....	9
<b>PRINCIPAIS MODALIDADES DA CANOAGEM</b> .....	11
<b>HISTÓRIA DA CANOAGEM</b> .....	15
<b>PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A APRENDIZAGEM DA CANOAGEM: POSSIBILIDADE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA</b> .....	18
<b>TEMAS TRANSVERSAIS À CANOAGEM</b> .....	33
<b>A CANOAGEM EM PROJETOS SOCIAIS E/OU DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA</b> .....	36
<b>A CANOAGEM PORTUGUESA VISTA PELO SEU MAIS ANTIGO PRATICANTE AINDA NO ATIVO</b> .....	39
<b>CARTA ABERTA AO MEU FILHO LUIZ FERNANDO:</b> Um breve contexto histórico da experiência brasileira do projeto “CANOAGEM NA ESCOLA”, como começou e o que se tornou .....	42
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52



## O QUE É CANOAGEM?

A canoagem é um esporte náutico tradicional no continente Europeu e em desenvolvimento no Brasil. Os praticantes desse esporte utilizam diferentes condições de água que são exploradas através de embarcações denominadas canoas ou caiaques.

Como meio de propulsão, os praticantes desse esporte utilizam pagaias que podem ter uma ou duas pás, dependendo da embarcação utilizada, ou seja, canoas ou caiaques, respectivamente. Portanto, toda a força aplicada na água é de origem corporal, por meio das pás das pagaias, não havendo propulsão por qualquer outra forma (energia elétrica ou combustão, por exemplo). No entanto, não se engane pensando que para ser um bom canoísta é necessário apenas possuir a capacidade de desenvolver boa força nos membros superiores. Bem pelo contrário, um bom atleta consegue aplicar sua técnica e utiliza todo o corpo para transformar a energia corporal em movimento. O tronco e membros superiores têm uma participação mais dinâmica enquanto os membros inferiores têm uma participação menos dinâmica (isométrica), mas todo o corpo participa no ato de pagaiar.

Ao contrário do Remo, em que o atleta se desloca de costas para o sentido do movimento, na Canoagem, o atleta



tem o horizonte como destino, seja esse destino uma meta de uma prova esportiva ou um pôr-do-sol num lago tranquilo. Em contrapartida ao Remo, em que as condições específicas das embarcações impõem condicionamentos vários em relação aos planos de água, na canoagem, os limites são a vontade e o arrojo humanos. Um rio estreito com um plano de água mínimo é envolvimento suficiente para a prática da canoagem.

Existem os mais variados locais que são possíveis para a prática da canoagem, como rios, lagos, mares, corredeiras, entre outros. Em função dessa grande gama de possibilidades existem diversas modalidades dentro da canoagem, sendo algumas olímpicas e outras não.



## PRINCIPAIS MODALIDADES DA CANOAGEM

A canoagem é dividida em diversas modalidades, sendo que dentro de cada uma existem diferentes provas, embarcações e distâncias.

Nos Jogos Olímpicos existem duas modalidades que fazem parte do calendário, sendo elas: Canoagem Slalom e Canoagem Velocidade. A Canoagem Slalom faz parte dos Jogos Olímpicos ininterruptamente desde 1992, em Barcelona, e é realizada em águas brancas ou bravas, ou seja, em corredeiras muitas vezes naturais, mas atualmente sendo comumente em pistas artificiais, ou seja, construídas especificamente para a prática. Neste tipo de modalidade os atletas precisam descer o trajeto cruzando, quer no sentido descendente quer ascendente, balizas suspensas, dependendo da cor no sentido do fluxo da água (verde) ou em sentido oposto (vermelha).

A canoagem de pista ou velocidade é a outra modalidade que faz parte dos Jogos Olímpicos, no entanto mais antiga, desde 1936, em Berlim. Essa prova consiste no deslocamento em águas calmas, raiadas (similar à natação ou atletismo), uma competição para verificar quem chega à frente ao final na linha de chegada.

Além das modalidades que fazem parte dos Jogos Olímpicos, outras existem e tornam este magnífico desporto



uma forma ímpar de explorar a água e a natureza. Basicamente, podemos dizer que em qualquer possibilidade que exista alguns centímetros de água é possível se praticar alguma variação da canoagem. Nesse sentido, iremos citar e exemplificar algumas possibilidades de prática:

## Maratona:

Como o próprio nome descreve, analogamente à prova de atletismo com esse nome, na prova maratoniana da canoagem o canoísta percorre grandes distâncias. A distância varia em função do escalão etário. Uma característica interessante dessa prova é que ao longo do percurso existem alguns momentos que o canoísta precisa percorrer uma parte do trajeto em terra correndo e conduzindo sua embarcação, chamada esse momento de portagem. Muito embora esse tipo de prova também ocorra em águas calmas, e seja amplamente praticado por atletas de canoagem velocidade em período de preparação geral (grande quilometragem de treino), existem algumas diferenças que transcendem a distância remada. Em especial, podemos destacar que nesse tipo prova, em função da competição não ser raiada, há “troca de ondas”, ou seja, os canoístas podem realizar um certo trabalho em equipe (similarmente ao ciclismo) para aumentar a velocidade média de prova. O jogo de onda facilita em cerca de 10-15% o trabalho do canoísta que vai na esteira (“que apanha a onda”) e assim aproveitar o esforço do atleta que vai na frente. Numa prova de maratona formam-se vários pelotões em função do nível de cada atleta. Ao mais elevado nível competitivo, querer ir em um ritmo não adaptado ao seu nível de performance, redundará, normalmente, em fadiga antecipada e muitas vezes desistência.



### **Caiaque-polo:**

Jogo em piscina ou lago, similar ao polo aquático. Os canoístas precisam fazer gols em um jogo coletivo.

### **Canoagem onda:**

Similar ao surf o canoísta realiza manobras nas praias em ondas e é avaliado por jurados em baterias.

### **Canoagem descida:**

O canoísta em águas brancas faz uma descida em velocidade no meio das corredeiras. Demonstrar o controle do competidor sobre seu barco em águas rápidas (corredeiras) enquanto percorre uma pista pré-definida no menor tempo possível.

### **Canoagem oceânica:**

Travessias em meio ao oceano, percurso previamente definido em carta náutica, em águas marinhas, no menor tempo possível.

### **Canoagem de rio desportivo:**

O canoísta faz um percurso longo de um rio ou sobe e desce esse mesmo rio ou então a prova tem uma fase de rio e outra plana na desembocadura do rio. Por exemplo, a Descida do rio Sella, nas Astúrias, Espanha, com mais de 1000 participantes, é uma prova de rio desportivo que termina perto da foz numa zona



de águas calmas. Este tipo de prova é aberta a todos os canoístas com um mínimo de destreza e domínio da embarcação

### **Canoagem de turismo:**

O canoísta ou canoístas compram um kayak ou canoa e exploram a natureza a seu bel prazer. É uma prática muito desenvolvida na Europa, principalmente nos países do norte da Europa.



## HISTÓRIA DA CANOAGEM

A origem da canoagem perde-se no tempo, e deve estar relacionada com a emergência do homem como espécie que alterou o envolvimento não só pela sua presença, mas fundamentalmente através da sua ação inteligente. Como a água é fundamental à vida, talvez mesmo antes do advento do homo-sapiens-sapiens, os hominídeos, dos quais derivados, já tivessem estabelecido uma relação com os cursos de água como vias de locomoção. É de aceitar a hipótese de que um simples tronco de árvore deslizando numa corrente tenha sido o “progenitor” dos kayaks e canoas modernos. Há milhares de anos que embarcações construídas a partir de troncos de árvores, movidas com a ajuda de pagaias rudimentares, foram empregadas na pesca e caça na África, Ásia meridional Polinésia. O testemunho mais antigo que possuímos representa uma canoa e uma pagaia, ambas em prata, que datam há cerca de 6.000 anos, e foram descobertas há cerca de 100 anos pelo arqueólogo inglês Sir Leonard Wooley, no túmulo de um rei sumério, em Ur, nas margens do rio Eufrates. Supõe-se que o barco foi construído com uma profunda intenção religiosa, permitindo transportar a alma do rei para o além. Só mais tarde aparecem as primeiras representações egípcias de barcos a remos. As embarcações modernas derivam das canoas índias da América do Norte e



dos kayaks dos esquimós, principalmente da Gronelândia. Estas embarcações inspiraram o desenvolvimento de várias pequenas embarcações na Inglaterra, no início do século XIX, e mais tarde na Alemanha e outros países da Europa Central.

John MacGregor, um advogado escocês morador em Londres, merece o título do primeiro indivíduo que lançou a canoa como um meio de desporto e de lazer. Em 1865, desenhou e construiu uma canoa que denominou “Rob Roy” e com a qual se meteu a fazer diversos cruzeiros nos rios e lagos dos países nórdicos e da Europa Central, incluindo os rios Reno, Main, Danúbio, Main, Mosela e lagos suíços. Ele menciona a história completa das suas aventuras canoísticas no livro “A thousand miles in the Rob Roy Canoe” que relatou acontecimentos tão marcantes como a sua captura por indígenas na descida do rio Jordão.

O Rob Roy original media 4,57 m de comprimento e 0,76 m de largura e a sua forma foi inspirada nos kayaks esquimós. O seu último barco viu reduzidas as dimensões (4,26 m de comprimento e 0,66 m de largura). É possível admirar um exemplar no Royal Canoe Clube, em Inglaterra, clube esse fundado em 1866 por MacGregor. O Rob Roy foi o protótipo para uma linha de kayaks construídos em Inglaterra, Europa e América do Norte, todos conhecidos sob o nome de Rob Roy.

O Royal Canoe Clube organiza as primeiras regatas em 1867. Naquele ano, o imperador Napoleão III, convida MacGregor para Paris e pede-lhe para organizar uma regata no rio Sena por ocasião da Exposição Universal. A partir de 1885, as competições em kayak foram incluídas nas regatas de diversas cidades, como Leipzig, Colônia, Paris, etc. paralelamente à criação de diversos clubes por toda a Europa.

Contudo, um aspeto negativo tem de ser salientado. O Remo, prática florescente em toda a Europa nessa época,





influenciou negativamente o desenvolvimento da canoagem, pois os construtores focalizaram-se na construção dos barcos de Remo em detrimento dos barcos de Canoagem. Em muitos países houve sempre um choque de interesses entre o Remo e a Canoagem.

Em 1924, foi criada a Federação Internacional de Canoagem, que é a responsável pela organização da modalidade em todo o mundo.

Nos dias atuais, os caiaques e canoas são construídos em materiais modernos, como, por exemplo, em resina de poliéster, fibra de vidro, resina epóxi com kevlar ou fibra de carbono, e ainda plástico injetado ou rotomoldado - polietileno.



# PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A APRENDIZAGEM DA CANOAGEM: POSSIBILIDADE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Neste capítulo serão propostos métodos de trabalho visando o ensino da canoagem na vertente velocidade.

## Iniciação na canoagem

É importante destacar que o número de participantes num projeto social ou de extensão universitária de canoagem não deve exceder as condições de segurança apresentadas no local.

A divulgação do projeto deve ser realizada nas escolas, em especial nas públicas, através de panfletos, redes sociais, cartazes e explanação oral nas escolas. As atividades devem ser organizadas de acordo com o cronograma pré-estabelecido, dividindo os grupos em turmas, por exemplo, turnos diferentes (da manhã e da tarde), ou dias alternados da semana (exemplo: aulas segundas, quartas e sextas-feiras e outra terças, quintas-feiras e sábados).

## Faixa etária

Não se recomenda que a criança que se inicie na canoagem seja muito jovem, no entanto, não há uma regra única,



devendo ser observado além da idade cronológica questões de desenvolvimento físico. Sugere-se 10 a 12 anos como uma faixa etária adequada à iniciação na canoagem. Alguns dos motivos que podem condicionar o timing da iniciação são apresentados a seguir:

■ *Equipamentos náuticos:* atualmente existem embarcações para iniciantes na modalidade, como, por exemplo, o K1 Escola e o Mini K1. No entanto, mesmo esses caiaques podem não ser adequados para crianças demasiadamente jovens e de pequena estatura. Tal fato pode ser ampliado, por exemplo, com o uso de pagaias muito grandes, o que poderia resultar em grandes esforços biomecânicos sobre as articulações, uma vez que um grande braço de resistência necessitaria de uma força maior por parte da criança para conseguir a realização da tarefa.

■ *Abandono da modalidade:* muitas vezes quando as pessoas, em especial as crianças, se deparam com situações/ambiente em que não se sentem à vontade, e comparativamente aos outros iniciantes apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, podem desenvolver síndromes de desadaptação que conduzem normalmente a desmotivação e abandono precoce da modalidade. Porém, alternativas podem ser tomadas quanto a esses fatores psicológicos, podendo ser criadas estratégias durante a própria aula para atrair o interesse dos iniciantes, ou ainda, eventos paralelos que proporcionem vivência no esporte, independentemente da participação futura competitiva.

■ *Aulas baseadas na segurança:* todas as modalidades esportivas oferecem algum risco aos seus praticantes,

não sendo diferente na iniciação da canoagem. No entanto, como se trata de um esporte náutico que impõe o domínio do meio líquido os cuidados devem ser acrescidos. Um fator a priori de segurança é o domínio da natação. Criança ou adulto que não saiba nadar não se deve iniciar na canoagem. Mesmo, com o domínio do meio líquido através do nado, a criança ou adulto iniciante deve envergar um colete de salvação nas aulas de iniciação. Assim, se caírem à água têm uma disponibilidade acrescida de controle da embarcação até chegarem a um sítio seguro.

### Conhecimento sobre o esporte, sua origem e fatos relevantes

Os novos canoístas precisam, ao ingressar no mundo da canoagem, receber conhecimentos teóricos básicos, como, por exemplo, a história da modalidade. Tais informações ampliam os conhecimentos gerais e podem ser um fator acrescido de motivação para a prática de canoagem de competição. O conhecimento histórico da categoria pode-se constituir como um fator de divulgação do modo no meio social e assim conduzir à chegada de novos praticantes à modalidade. Logo, devem ser passadas para o educando ideias básicas como a origem da canoagem no mundo, no seu país e na sua cidade, assim como algumas informações sobre atletas de destaque, que servirão de “espelho” para aqueles que almejem o destaque esportivo.

### Termos de Consentimento e autorização dos responsáveis

Para que os educandos possam estar envolvidos nas aulas



práticas de canoagem, é necessária a autorização por escrito dos seus pais ou responsáveis. É sobremaneira importante que essa autorização evidencie o horário e os dias das aulas, bem como, quando não houver transporte para o local das práticas. Caso o responsável não acompanhe o aluno, exima os organizadores de qualquer caso que vier a ocorrer. Ou seja, a responsabilidade pela criança, desde a saída até ao retorno, é de seus pais ou responsáveis.

## Desenvolvimento das aulas

Na iniciação à modalidade, em especial para crianças, o professor pode adotar como estratégia a utilização de algum instrumento com emissão de som (exemplo: apito) como indutor de atenção por parte dos iniciantes. A partir disso, na primeira aula, o professor deve instruir os alunos a dedicar sua atenção para o que está sendo exposto ou debatido sempre que ouvirem o som do apito. De modo que isso pode contribuir para a fluidez da aula e menor desgaste do professor, bem como evitar possíveis acontecimentos indesejados, tal como acidentes. Na iniciação o professor/treinador deve ser diretivo e controlar, sem cedências ao facilitismo, todas as fases do processo de iniciação. Essa diretividade é imposta pelas exigências de segurança.

Ao iniciar as atividades, especialmente em dias com temperaturas baixas, deve-se dispender mais tempo para o aquecimento, com a finalidade de reduzir o risco de lesão mioarticular. Quando o professor enfatiza e expõe a importância da fase de aquecimento aos alunos desde a sua iniciação à canoagem, estes compreenderão tal fase como parte indispensável da aula e/ou treino. Desta maneira, ao perspetivar o aluno como futuro atleta de alto rendimento, o qual irá expor seu corpo à exigência máxima, este poderá diminuir o risco de

lesões na vida esportiva a partir do entendimento e execução de uma fase de aquecimento adequada.

## Preparação para a prática (fora d'água):

Para iniciar o ensino da parte técnica, é sugerido que os alunos tenham o primeiro contato e aprendam a manusear as pagaia, ainda fora de água e de pé:

### ■ *Como definir o tamanho da pagaia para cada praticante?*

Cada praticante possui um tamanho ideal de pagaia, o qual deve ser aferido no decorrer da iniciação. A partir do tamanho total da pagaia colocada na posição vertical em frente ao praticante, este deverá elevar o membro superior direito ou esquerdo, executando uma flexão glenoumeral com amplitude de  $180^\circ$  no plano sagital, de modo que os dedos entrem em contato com a extremidade da pá (Figura 2);

### ■ *Como definir a colocação das mãos na pagaia?*

A pega da pagaia deve ser simétrica, para evitar a aplicação de força de forma desequilibrada de um lado do corpo. Para tal, o praticante deverá realizar as pegas, das mãos esquerda e direita, em distâncias iguais das mãos até as pás;

### ■ *Como realizar a pega?*

Para facilitar a compreensão do aluno alguns macetes podem ser utilizados, como, por exemplo, segurar o remo acima da cabeça, a partir de uma flexão de cotovelos em  $90^\circ$  (Figura 1);



Fonte: arquivo pessoal dos autores  
Figura 1: Pegada correta da pagaia Figura 2: Tamanho ideal da pagaia

### Como realizar a pagaiada?

Após o entendimento de como realizar a pega, pode-se iniciar o ensino do movimento da pagaiada. A execução da pagaiada deve ter como referência, aproximadamente, a altura dos olhos. Além disso, deve ser realizada a extensão do punho direito (para destros) ao se preparar para o movimento de remada do lado esquerdo (fase aérea) (FREITAS, 1999). Desta maneira, possibilitando uma entrada adequada da pagaia na água (IMBRIACO, 2001). Os alunos/praticantes devem realizar os movimentos por certo período, enquanto o professor faz a observação, detecta dificuldades e realiza correções dos movimentos. Em termos didáticos os iniciantes devem manejar a pagaia de diversas formas (pagaiada mais alta, mais baixa, mais próxima do barco, mais afastada, etc.). A exploração das várias situações permitirá a posteriori o domínio intrínseco da técnica de pagaiada.

### *Regras e recomendações de segurança*

Todos os envolvidos devem utilizar um colete salva-vidas, bem como compreender a maneira adequada de vesti-lo. Entretanto, apenas o uso do colete salva-vidas não proporciona a plena segurança, faz-se necessário, também, entrevistar os alunos no intuito de detectar fobias e, desta forma, realizar a adaptação ao meio aquático respeitando os limites dos alunos. Assim, devem ser oportunizadas aulas de adaptação ao meio aquático e natação para aqueles alunos que demonstrarem necessidade de ambientação, antes da prática específica da canoagem. Ademais, para os alunos hidrofóbicos, pode-se demonstrar que o colete salva-vidas os mantém na superfície da água, de maneira a minimizar o receio do caiaque virar e evitar a aflição ao cair na água. É sugerido que as aulas de adaptação sejam ministradas concomitantemente à iniciação ao esporte, preconizando a realização das atividades em pontos rasos e seguros.

### *Frequência de aulas*

Na fase de iniciação esportiva, recomenda-se que as aulas ocorram de duas a três vezes por semana (GRECO e BENDA, 1997). Tendo por objetivo a adaptação natural à modalidade, além de permitir que o ensino seja gradativo e prazeroso para todos os envolvidos, reduzindo o risco de abandono.

### *Composição das turmas*

A quantidade de alunos para cada professor é um ponto a ser considerado. O número de alunos não deve ser elevado, seja para permitir uma intervenção mais eficaz por parte do professor, seja por motivos de



segurança. Sempre que possível o professor deve-se deslocar num bote a motor para disponibilizar ajuda rápida a quem dela necessite. O tamanho das turmas definirá o número de professores. O fator condicionante fundamental é a possibilidade de controlo da turma. Logicamente que as condições materiais condicionam o número de alunos em cada turma. Por exemplo, se só tivermos uma embarcação mais que três alunos promoverá a saturação e o eventual abandono dos iniciantes que desejam maior participação e atividade.

De uma forma geral, e com condições adequadas de equipamento, uma turma não deve possuir um número superior a vinte alunos, sendo possível ainda dividi-la em duas, entre alunos que executam atividades na água enquanto os demais observam a técnica dos colegas e as orientações dos professores. Essa redução do número de alunos no meio aquático facilita a observação visual auxiliar do professor no processo de aprendizagem (BLISCHKE, et al. 1999). É importante que os professores instrua também os alunos que estão de fora, para que compreendam as correções que estão sendo feitas para os colegas que estão na água e não repliquem os erros.

### *Atribuições e funções dos professores*

É indicado que o professor entre na água simultaneamente com os alunos (embarcado ou em lancha), realizando observações, correções da técnica, garantindo a segurança e o auxílio quando o caiaque virar, expondo os locais apropriados para a prática, dentre outras atribuições. Enquanto o professor que está na terra, posiciona-se para obter uma visão global da aula, de modo a auxiliar o professor que está na

água com orientações e coordenar as demais ações de fora dela. Além disso, também são atribuições do professor que está na terra: reportar problemas com materiais, brincadeiras indevidas e controle da entrada de alunos na água, como, por exemplo, na colocação do colete salva-vidas, na instrução e auxílio referente a experimentação de embarcações mais complexas. É importante lembrar que é o professor quem deve demonstrar como a aula deve prosseguir, porém é importante haver trocas com os alunos e discutir sobre os planejamentos.

### ■ *Harmonia entre projeto social e escola*

Ao se referir especificamente a um projeto social, ressalta-se a importância e manutenção de dois pilares: a canoagem e a escola. Desta forma, é indispensável o vínculo do rendimento e atitudes do aluno no ambiente escolar com a prática esportiva, promovendo benefícios para todos os envolvidos e sustentando ambos os pilares. Assim, o professor deve prezar pela harmonia entre os pilares, participando tanto na perspectiva escolar quanto esportiva do aluno-canoísta. Deve ser exposto ao aluno, desde o momento do seu ingresso no projeto, que caso ocorra algum comportamento ou fato indesejado, bem como rendimento escolar abaixo do esperado por desleixo, haverá possibilidade de desligamento do projeto ou suspensões temporárias.

## Considerações sobre a prática esportiva

Posteriormente aos aspectos iniciais mencionados acima, pode-se ingressar nas tarefas específicas do processo de aprendizagem da canoagem, as quais são definidas a seguir:

### *Entrada na água*

Com o auxílio do professor, o qual deve estabilizar o caiaque entre as pernas e com o auxílio das mãos, o canoísta pode entrar na embarcação com maior facilidade. Entretanto, após a familiarização com a entrada, esta deve ser executada sem auxílios pelo aluno. O procedimento de embarque ocorre a partir da aproximação do barco da margem, o aluno deve colocar um pé de cada vez, realizando a extensão de joelhos ao sentar, até onde está o apoio dos pés (finca-pés). Para alunos experientes, é possível utilizar a técnica de entrada na embarcação em pé na margem, como mostrado na Figura 3. Toda técnica de ingresso no caiaque tem por finalidade a prevenção de possíveis danos aos equipamentos (exemplo: rachaduras nas bordas do caiaque).



Fonte: arquivo pessoal dos autores  
Figura 3: sequência de entrada na embarcação

### Processo de ensino

O processo de ensino da canoagem como um todo deve ser desenvolvido de maneira gradativa. Abaixo é exposta uma possibilidade de organização deste processo.

**1º passo:** Utilizar embarcações de lazer (caiaques turismo, oceânico ou wave), as quais possuem um superior grau de equilíbrio e reduzem as possibilidades de virar em função, de suas características. Os alunos podem iniciar sem a manipulação da pagaia, realizando a propulsão com as próprias mãos. A partir da familiarização e domínio da embarcação, pode ser feita a inserção da pagaia, de modo a desenvolver a técnica específica da modalidade (Figura 4).



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Figura 4: alunos na fase de iniciação em caiaques “wave” e “turismo”

É fundamental que a técnica de remada possa ser desenvolvida em uma embarcação com maior estabilidade, visto que virar o caiaque está associado, principalmente, a uma entrada incorreta da pagaia na água pelo canoísta iniciante. Este tipo de erro é conhecido como “entrada de faca” e ocorre em função da não

utilização da área total da pá para apoio (sustentação) na água. Uma nota deve ser desde já salientada: numa fase mais avançada do domínio técnico da pagaiada a pagaia não deve ser utilizada na função equilibradora, mas unicamente com propósitos propulsivos. O canoísta deve estar equilibrado na embarcação com o corpo e não com o suporte da pagaia. A utilização da pagaia para equilibrar o barco resulta numa pagaiada tecnicamente deficiente e menos fluída.

Ademais, ocorre a entrada de um grande volume de água quando o caiaque vira, devido a isso, os alunos de iniciação devem ser instruídos a desvirar prontamente o caiaque. De qualquer forma o caiaque deve ter os meios necessários (exemplo: bóias ou esferovite) para permitir a sua flutuação mesmo quando virado. Para tal, o aluno deve empurrar a embarcação de baixo para cima no seu ponto central (no anel ou na borda). Posteriormente, a pagaia é colocada dentro da embarcação e deve-se regressar à margem, deslocando o caiaque puxando por uma das extremidades. Vale ressaltar que não é indicado realizar o embarque no meio da água, visto que tal tentativa pode quebrar o casco e/ou virar o caiaque novamente. Isso pode acarretar no afundamento do caiaque (se os meios de flutuação não existirem ou serem insuficientes) devido a entrada de mais água no barco e até mesmo colocar o canoísta em risco.

Para evitar preocupações excessivas no revirar do barco, o aluno não deve estar preocupado com a flutuação da embarcação. Uma embarcação com suficientes meios intrínsecos de flutuação pode ser arrastada para a margem mesmo virada e sem aumentar os fatores de risco para o aluno.



**2º passo:** A partir do momento em que o aluno demonstrar domínio dos caiaques estáveis utilizados na iniciação, pode-se evoluir para um caiaque de nível intermediário. Essas embarcações são denominada K1 Escola ou Mini K1 (Figura 5), são considerados intermediário por estarem entre os barcos de passeio (pior hidrodinâmica e mais largos) e de competição (melhor hidrodinâmica e mais estreitos).

O professor pode optar por iniciar sem a pagaia, assim como é feito com a embarcação de passeio, no entanto isso é realizado por motivos distintos. No estágio atual a técnica da remada do aluno já se encontra em um condicionamento operante (dominada pelo aluno), entretanto o desafio é a manutenção do equilíbrio no caiaque, sendo este mais instável quando comparado com a embarcação de passeio.



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Figura 5: aluno tentando se equilibrar no caiaque sem pagaia

Após o domínio do caiaque e aquisição de maior estabilidade, o aluno começa a utilizar a pagaia. Tal etapa deve ser desenvolvida próxima da margem e sem

preocupação de produção de velocidade pelo aluno.

Quando o aluno passa a dominar a técnica de pagaia e a estabilidade no caiaque, pode ser permitido deslocamentos um pouco mais longos. Entretanto, cabe ao professor identificar o momento certo para autorizar maiores trajetos, diante da sua percepção sobre a evolução do aluno. Esses deslocamentos devem ter o acompanhamento do professor em outra embarcação (com ou sem motor). Quando for seguro suficiente, ou seja, o aluno estiver apto para ingressar num programa de treinamento visando a melhoria das capacidades físicas que a canoagem requer, pode-se iniciar ainda com as embarcações intermediárias.

**3º passo:** Para aqueles alunos que já dominam o K1 escola e/ou o Mini K1 e conseguem desenvolver velocidade, pagaiadas rápidas e com boa técnica, podem ser iniciados nas embarcações com melhor hidrodinâmica, como os caiaques de velocidade K1, K2 e K4 (embarcação de competição) (Figura 6). O processo deve ser similar aos expostos para o barco de passeio e o K1 escola/mini K1. Inicialmente sem pagaia, no intuito de buscar estabilidade e, após o domínio do equilíbrio no caiaque de competição K1, pode ser inserido a pagaia e assim por diante, conforme o supracitado para as demais embarcações. Posteriormente a essas etapas, o aluno pode ser considerado apto a pagar, com algumas ressalvas a detalhes técnicos. A partir deste momento o aluno pode optar pela busca do treinamento visando a competição ou seguir para a prática da canoagem como atividade de lazer.





Fonte: arquivo pessoal dos autores  
Figura 6: aluno pagaiando no caiaque K1





## TEMAS TRANSVERSAIS À CANOAGEM

Além de todos os aspectos metodológicos e específicos da modalidade, a canoagem proporciona um ambiente enriquecedor para o debate de diversos temas transversais que complementam a prática deste desporto. Especificamente sobre o ambiente no qual este desporto é realizado, muitos são os assuntos que podem ser abordados. Como a presença da água, por exemplo, pessoas com medo do meio aquático podem ter um primeiro contato com essa situação, assim representando um lugar de maior segurança, por se apresentar com o auxílio de um objeto (caiaque) para amenizar seus medos. Além do mais, a presença de um professor responsável ajuda a aumentar a confiança do praticante.

Outra situação a qual a realização deste esporte atua como facilitadora diz respeito ao ensino de sobrevivência no ambiente aquático, através do nado e ações complementares. Afinal, para a sua iniciação, se faz necessária a inclusão de noções pertinentes à segurança dos participantes durante a prática. Assim, sendo uma situação oportuna e talvez única para o aprendizado de uma habilidade tão importante para o indivíduo.

Ainda quanto ao ambiente, o contato com a natureza oferece momentos de reflexão pertinentes a respeito de questões voltadas ao meio ambiente e os cuidados necessários para a



manutenção da fauna e flora locais. Afinal, para a realização da canoagem é necessário que o local em questão tenha condições necessárias para a prática. Além do mais, principalmente para as crianças, essa prática poderá ser uma situação real de exposição inicial direta entre indivíduo e natureza, na qual será possível o contato com a biodiversidade da região, onde a sua maneira de agir e cuidar corresponderá diretamente à qualidade final do resultado. De maneira a contribuir com a valorização da região, iniciativas de projetos náuticos podem estimular o turismo dos locais e, assim, oportunizar qualificação das estruturas físicas existentes, da comunidade e até mesmo gerar renda.

Outra temática pertinente trazida com a realização desta modalidade, diz respeito aos benefícios para o praticante. Destacam-se aqui, tanto os fatores intrínsecos como extrínsecos. Pertinente à primeira parte, podem ser citados acréscimos relacionados à saúde, como por exemplo, capacidades cardiorrespiratórias, potência, força, flexibilidade, dentre outras. Esses resultados ressaltam a canoagem como atividade multidisciplinar e que contempla o desenvolvimento do corpo todo. Já em relação aos fatores extrínsecos, indica-se este esporte, muitas vezes como um caminho de entrada para uma futura vida profissional. Ou seja, podem ser ofertadas oportunidades de trabalho, pois um praticante poderá empreender em atividades relacionadas, como ser um guia turístico da região; pode também ser o caminho a uma futura graduação e investimento num curso superior, como educação física; por fim, surge também a própria chance de mudar de vida através da carreira como atleta, a qual o praticante poderá viver da própria prática do desporto. Estas são algumas das chances que podem aparecer ao decorrer da inserção dos indivíduos em projetos que estimulem a prática esportiva.

A relação entre indivíduos também surge como uma



possível ferramenta transformadora. Através da canoagem serão ocasionados processos de interação social, ampliando valores como a ética e o respeito, para o desenvolvimento de pessoas autônomas, críticas, e com consciência moral e dos direitos humanos e, assim, caminhando para uma sociedade mais afável e melhor. Ademais, ainda no que tangem estas relações interpessoais e corriqueiras dentro da prática da canoagem, assuntos como diversidade das pessoas, pluralidade sexual e inclusão social devem fazerem-se presentes, sendo as aulas um laboratório dinâmico de oportunidades e ampliação do convívio social.

Por fim, a discussão sobre a cultura corporal do movimento se apresenta como um gatilho para crescimento social. Por exemplo, através de intercâmbios e competições serão geradas oportunidades dessa troca de experiências entre atletas e culturas. Assim, muitas vezes, contribuindo tanto para com o desenvolvimento e qualidade do ensino da canoagem como para produção de indivíduos mais ricos culturalmente.



## A CANOAGEM EM PROJETOS SOCIAIS E/ OU DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A consolidação de projetos nas comunidades, como projetos esportivos, promovem espaços repletos de interações, tanto em experiências quanto de saberes entre os envolvidos. A partir dessas trocas, os professores e estudantes têm a oportunidade de aperfeiçoar sua atuação como profissional ou futuro profissional, bem como levar aos participantes práticas e conhecimentos produzidos dentro da Universidade. Especialmente em relação ao acadêmico, este encontra em projetos extensionistas uma oportunidade de aplicar conhecimentos de distintas disciplinas presentes em sua grade curricular, além de avaliações com base científica sólida. Assim, formando-se com adequado conhecimento técnico-científico e também como um cidadão ciente das suas atribuições.

Ademais, a instauração de projetos sociais e/ou extensionistas nas comunidades pode resultar em mudanças benéficas em distintas realidades. Considerando como exemplo o projeto de canoagem para crianças, estas têm a oportunidade de se desenvolver em um espaço seguro, distante de males como o uso de substâncias químicas e da criminalidade, por exemplo. Além disso, a partir dos valores intrínsecos ao esporte, se tornarem cidadãos com uma conduta ética e que compreendam a importância da atividade física para sua saúde corporal e



mental. Com base no que foi exposto, é visto que projetos de caráter extensionista podem contribuir para o desenvolvimento do país, de modo a reduzir a criminalidade (segurança pública) e aumentar indicadores de saúde dos envolvidos (saúde pública), dentre outras possibilidades formativas dependendo da vertente do projeto.

Além disso, através do esporte, especificamente da canoagem neste caso, pode ser uma importante ferramenta para contribuir com a reinserção na sociedade de jovens e adultos, que se encontram cumprindo medidas socioeducativas e/ou em privação da liberdade, respectivamente. Devido aos valores contidos no esporte, como a disciplina, o respeito, a compreensão de direitos e deveres, por exemplo, podem (re)formar pessoas como cidadãos e possibilitar uma nova oportunidade de serem membros capazes de auxiliar para o desenvolvimento da sociedade, assim como tornarem-se exemplos para outros indivíduos que se encontram nas mesmas condições, a partir da exposição de uma possibilidade de mudança e de futuro próspero.

Outro pilar da formação acadêmica indissociável de projetos extensionistas e/ou sociais, é a pesquisa. Pois, além da avaliação e *feedback* para a própria comunidade, governantes e universidade, a integração da pesquisa e extensão promove a formulação de novos conhecimentos que auxiliam no desenvolvimento técnico-científico de profissionais de distintas localidades do Brasil, de Portugal e do mundo. Estes conhecimentos gerados podem fornecer uma base para a formulação de, por exemplo, políticas públicas e inspirações para a replicação do projeto em outras comunidades. Desta maneira, torna-se indispensável a composição de projetos com harmonia entre os pilares da tríade que guia o ensino superior (ensino, pesquisa e extensão). Em projetos esportivos relacionados à



canoagem, diversas questões podem ser vinculadas com os pilares da tríade, tal como a importância da preservação do meio ambiente, avaliações físicas relacionadas à saúde e desempenho, bem como pedagógicas, psicológicas e sociais, dentre outras possibilidades. Todas estas contribuindo para o avanço técnico-científico em distintas áreas de conhecimento.



## A CANOAGEM PORTUGUESA VISTA PELO SEU MAIS ANTIGO PRATICANTE AINDA NO ATIVO

Comecei a minha aventura na canoagem, em 1962, quando me inscrevi nas aulas de Remo da antiga Mocidade Portuguesa, organismo estatal que controlava o desporto escolar. Nesse tempo, a prática da canoagem era algo residual à prática do Remo. Era quase como um prêmio para quem se empenhasse nos treinos de Remo. Um remador empenhado no decurso da época tinha, no verão, o prêmio canoístico para dar uns passeios pelo rio. Não havia competição na canoagem e o único clube, em Portugal, nesse tempo, era o Centro Náutico da Mocidade Portuguesa. Portanto, em 1962, só havia um centro de canoagem em Portugal e estava situado na cidade do Porto. Desta cidade nasceu a canoagem Portuguesa.

Em 1966, então prestes a fazer 18 anos, eu praticava, nada mais, nada menos, que cinco modalidades desportivas – remo, basquetebol, handebol, atletismo e canoagem. Como tinha uma grande disponibilidade e destreza física, pois a rua e a mata eram os meus espaços de aventura, fui cooptado para várias modalidades porque nesse tempo a minha fisicidade sobressaía. Cheguei ao basquetebol por ser alto (em 1966 eu era um dos 5 jogadores mais altos do basquetebol português, com 1,89 metros; hoje os bases são mais altos que isso). Como funcionava a canoagem para mim no meio das outras práticas



desportivas? Era a forma de evasão mais conseguida que eu possuía. Saturava-me do remo, pegava no kayak e fugia para o rio. Saturava-me do basquetebol, pegava no kayak e fugia para o rio. As namoradas davam-me com os pés, e eu ia carpir para o rio as minhas desaventuras amorosas. A canoa sempre me foi fiel. Por isso, a canoagem estava-me no sangue, ou naquela parte da alma que nos faz estar mais perto do céu. Fiz a guerra na Guiné Portuguesa, entre 1970-1972, e vim de lá um pouco afetado psicologicamente. Para a terapia da síndrome de estresse pós-traumático induzido pela guerra não tive ajuda de nenhum psicólogo ou psiquiatra. Tive o kayak e as minhas deambulações em solitário pelos vários rios de Portugal-Espanha. Em solitário, fiz a descida dos grandes rios Ibéricos, Douro e Tejo, tendo como única companhia a natureza ainda pouco afetada pela poluição moderna. As reflexões introspectivas que fiz ajudaram na catarse de muitos dos meus distúrbios psicoemocionais.

A canoagem Portuguesa começou a ganhar corpo a partir do golpe militar de 25 de Abril de 1974. Em 1975, eu e os meus colegas canoísticos, criamos a seção de canoagem no CDUP (Centro Desportivo Universitário do Porto) que foi o primeiro clube português de canoagem e que esteve na gênese da criação da Federação Portuguesa de Canoagem em 10 de maio de 1979. De uma fase, nos anos de 1960, em que íamos a Espanha participar nas provas para entrar dentro do controlo (o controlo fechava 30 minutos após a primeira embarcação ter cortado a meta) até hoje, a saga da canoagem Portuguesa é digna de realce. Quando fui cumprir o serviço militar, em agosto de 1969, fazíamos a canoagem como complemento do remo. Quando regresso da África, em 1972, os meus parceiros e outros mais jovens tinham abandonado a ligação ao remo e praticavam somente canoagem com o afã de participar das provas na Espanha. Eu que treinava canoagem uma a duas vezes por semana a partir das férias da



Páscoa, ao chegar da Guiné, tomo contacto com uma realidade nova – os canoístas portugueses passaram a treinar todos os dias e durante todo o ano. Por isso, começaram a discutir os lugares cimeiros em todas as provas na Espanha, que na altura era já uma potência canoística na Europa. Portanto, antes de haver federação já havia uma prática de elevado nível dos melhores canoístas portugueses.

Eu, na canoagem, fiz tudo. Fui e sou atleta, fui e sou treinador. Cheguei a ser dirigente no meu clube – CDUP. Penso que foi a única função em que não fiz grande papel. A função dirigente nunca bateu certo com a minha idiosincrasia. Sou um homem do terreno e é aí que me sinto realizado. O basquetebol deu-me a possibilidade de pagar a minha licenciatura em Educação Física; a canoagem deu-me, e continua a dar-me, aquilo que os budistas procuram com a reflexão – o nirvana.

Hoje, jubilado da Universidade, continuo empenhado em manter viva a chama dos desportos náuticos na sua vertente universitária. Introduzi, em 2008, a Optativa de Remo e Canoagem, na FADEUP. Hoje continuo, *pro bono*, a responsabilizar-me por essa Optativa. Orientei várias teses de Mestrado no âmbito da canoagem. Já tenho alguns trabalhos publicados e outros estão no prelo. Por isso, a canoagem acompanhar-me-á até ao fim da minha vida, seja como professor-investigador, seja como treinador/atleta.

José Augusto Rodrigues Santos



## **CARTA ABERTA AO MEU FILHO LUIZ**

**FERNANDO:** Um breve contexto histórico da experiência brasileira do projeto “CANOAGEM NA ESCOLA”, como começou e o que se tornou ...

Querido Filho!

No dia de hoje, 21 de março de 2021, fiquei mais feliz, ao saber de outra vitória dentre tantas que me vêm lembrando nossos alunos, mormente os que conheceram a canoagem através do igualmente vitorioso projeto social “Canoagem na Escola”.

Desta vez o palco do campeão ocorreu distante do Pódio, local que ungiu desde os nossos nove pupilos à seleção brasileira, igual aos demais; tampouco como nas reconhecidas conscientizadoras atividades ecológicas em meio líquido; mas sim numa importante urna eleitoral, a que empossou o Presidente da Confederação Brasileira de Canoagem, a CBCa, fnoosso Atleta, Jonatan Pimentel Maia de Oliveira.

Evidente foi a transformação social com a inclusão proporcionada aos mais de mil jovens, em dois intensos anos atingimos 300/ano, todos majoritariamente carentes de tudo, de um público vulnerável de meninos e meninas, de fato matriculados, em até 35 escolas públicas e 29 profissionais simultaneamente, em cinco cidades do mais meridional Estado do Rio Grande do Sul.

Demonstrou-se de forma difusa a canoagem e seus



benefícios, tal as melhorias no desempenho em sala de aula, como nas famílias e comunidades, pois que ao longo de vários anos frequentaram, praticaram, com resiliência e coragem nas atitudes sócio ambientais, e perseveranças então, quando diretoras de escolas, mães e autoridades civis manifestaram-se publicamente diante do “Canoagem na Escola” ser instrumento a evitar a grave evasão escolar, e assim pelo prazer de remar incluído, mantendo-se ou integrando-se no papel verdadeiros cidadãos, bons filhos, bons alunos, boas mães e pais de família, a exemplo de o que estamos vendo em relação à firmeza de caráter e determinação de Jonatan.

Assim refletindo sobre o passado e o presente, poderemos antecipar o futuro do projeto “Canoagem na Escola”.

Nós Lemos, honrada e oficialmente, fomos e somos os precursores da Canoagem em Santa Maria, pois que desde no ano 1986, nossa querida mãe e avó, a inesquecível e solidária matriarca advogada **Dra. Mary Miranda Lemos**, foi quem viabilizou na justiça da cidade de Cruz Alta, a aquisição de uma área junto à BR-158 e a Barragem do DNOS. À época, o interessado e adquirente local, Dr. Jatyr Marques Proença doou 8 hectares com bela praia e marina, ao Clube Comercial que então o presidia, e a entidade ali construiu o Parque Náutico.

Foi em 1992, que Mary e Fernando estivemos rodando 8.850 Kms, através de onze países (EUA, GB e Europa Continental). Em agosto, na Espanha, durante os Jogos Olímpicos Barcelona/92 soubemos existir um atleta gaúcho na equipe da canoagem brasileira, o Alvaro Acco Koslowski em dupla com o baiano Jeferson Lacerda, a tripular o barco K2.

Assim que retornamos ao Brasil, procurei Alvaro, na sua cidade natal de Santa Tereza, RS, margem Rio das Antas, quando lhe foi proposto deslocar-se à Santa Maria a fim de repassar noções, algum conhecimento, possíveis aulas de técnicas,



postura e remadas a sócios afins, curso limitado a trinta iniciantes, muitos adultos, professores da UFSM, e vários jovens alunos. Ainda em dezembro de 1992, Fernando contata 14 entre os interessados à aquisição de caiaques tipo turismo 4m, então fabricados por Fibrobecker, em Lageado, RS. Novos, estáveis e coloridos caiaques somaram-se a guarnecer assim a marina do Parque Náutico do Clube Comercial, constatando-se presença constante das mídias jornais, rádios e TV da região, ao belíssimo local.

Alteraram-se os Estatutos Sociais, priorizando às ações de formação de atletas e prática desportiva náutica. O mentor, teu pai, **Dr. Fernando Tadeu Miranda Lemos**, foi o único membro da Diretoria durante toda a década 90, sempre demonstrando afeto às políticas ambientais sendo este, o Vice-Presidente de Esportes, Lazer e Recreações do Clube Comercial, e que numa ocasião por função nomeou Maurício Cassol, ao cargo de Diretor de Canoagem, sócio, canoísta, do curso de Administração/UFSM. Necessitava ele elaborar um projeto real de algum empreendimento, e o tema canoagem foi de valia. O Clube precisava de algo mais “oficial” e neste aspecto assim foi registrado na PMSM, sem o aval do Vice responsável, necessitando logo após ser adequado à realidade por mim Fernando, e Margareth, como demais dinâmicas que sucederam.

Muitas etapas aconteceram, da “Gincana Ecológica do Clube Comercial”, desde o ano 1995, quando Fernando Tadeu Miranda Lemos graduava-se em Direito/UFSM. Naquele dia, lá reuniu-se com a pedagoga especializada Profa. Margareth Fontoura dos Santos, no sentido de incluir crianças e jovens ribeirinhos, extremamente pobres, que até hoje ocupam a margem oposta ao Clube, para a atividade de limpeza, como recolher resíduos sólidos da Vila Nossa Senhora Aparecida (vila Xurupa) até as margens e das praias da Barragem. Por conta



disto, a partir de então houve uma rara aproximação desta Vila a uma entidade da mais alta elite local, com dois objetivos à época: reduzir a tensão provocada pela sequência de furtos, agressividades por arremesso de pedras e tentar manter alguns conosco a remar as mais de três dezenas de caiaques, remos e coletes disponíveis, numa política de boa vizinhança de algum controle ambiental.

As primeiras transformações sociais mostraram-se a seguir. O Clube, por indicação de Lemos, contratou alguns funcionários moradores desta Vila à jardinagem e limpeza do Clube. Logo, alguns meninos e meninas, curiosos observavam aqueles “barquinhos”, identificando-se cada vez mais intensamente ao mesmo meio líquido onde nasceram, mas não tinham acesso.

Percebeu-se que as medidas apontavam para melhor desiderato. Seria necessário criar um vínculo oficial, perene e garantido à continuidade do incipiente sucesso. Pensou-se um nome àquela atividade entabulada.

Ora, não demorou muito e as respostas surgiram. Convergindo o esporte náutico até então já conquistado, com a necessidade da presença de novos alunos regulares, o *canoísta* Fernando e a *professora* Margareth convergiram entre si, e nomearam, sistematizando as novas ações praticadas, até então empíricas, de “CANOAGEM NA ESCOLA”.

Neste ânimo, o Clube Comercial, motivado por Fernando, realizou a I Maratona de Canoagem do Mercosul, com forte presença das equipes do Uruguai, além de brasileiros representando várias entidades e os advindos do Projeto cujo plantel remavam os alunos do SMK-Santa Maria Kayak Cross Clube, presidido pela Profa. Margareth. A difícil travessia de 68 Km, em plena época de cheias do Rio Vacacaí, no trecho entre o balneário do Verde e o das Tunas. Em contrapartida os citados



alunos de Santa Maria foram presença garantida em Treinta y Tres, Uruguai, que transcorreu nos rios Olimar e Cebollati, trajeto de mais de 150 Km, nos quatro dias da Semana Santa de 1999. Neste mesmo ano pelo Clube Comercial, Caroline Corrieri e Luiz Fernando Cuozzo Lemos disputavam o Campeonato Brasileiro. No ano seguinte, Luiz Fernando foi campeão estadual e obteve os melhores desempenhos do evento. Foi neste ano de 2000 que os 14 melhores atletas do SMK foram transferidos ao Clube Comercial, dentre eles Vanessa Pimentel, Jonatan Maia, Gilvan e Givago Ribeiro, unindo *pró forma* os dois clubes de canoagem velocidade da cidade. Assim, todos pelo Clube Comercial, Santa Maria por justiça tornou-se a cidade campeã estadual ano 2000, vencendo as favoritas Guaíba, Gravataí e Estrela, estas com uma única entidade cada. Esta estratégia deu melhor imagem à Santa Maria, à canoagem e mais sobrevida ao Clube, pois refletiu na então política de formação de atletas e o consequente retorno dos bingos.

Para a gestão 2000/02, eu fui eleito Presidente. Após, para o biênio 2002/04, igualmente reeleito com centenas de votos, no momento que sobre o Clube pesavam demandas milionárias, há décadas e prestes a execuções judiciais. O fôlego financeiro proporcionado ao Clube que conseguiu arrolar suas dívidas e parcialmente satisfazer urgências com tais recursos advindos pela canoagem, confirmando-se assim a garantia de continuidade do projeto social.

No ano 2003, a ex-aluna do SMK, categoria cadete, 16 anos, Vânia Nardon, foi incentivada, conduzida com apoio de ambos os clubes, quando conquistou vaga na Seletiva Nacional em Cascavel, Paraná, para o Campeonato Mundial de Canoagem Velocidade em Komatsu, Japão. Nenhuma patrocinadora entre dezenas de empresas contatadas por Margareth, acenou com a necessária contribuição para as despesas desta viagem, quase

inviabilizando-a.

Foi então aí que nós partimos às vias de fato. Eu pessoalmente levei a menina à Porto Alegre, e no consulado japonês consegui seu visto. Logo após, às pressas, elaboramos um pedido para a estatal do setor elétrico, a CGTEE, cujo então titular era o amigo jornalista Júlio Quadros, quem o levou à então Ministra de Minas e Energia, Sra. Dilma Rousseff, que diante da realidade fática da esforçada menina, o deferiu.

Assim que Vânia retornou do Japão, novos contatos travaram-se com o Governo Federal, resultando em alcance bem mais amplo, levando ao ápice a canoagem solidária aos milhares de alunos por mais três anos, através do CGTEE-Canoagem na Escola, SMK. Após Júlio Quadros deixar a presidência da estatal, percebeu-se que todos os onze projetos, além do nosso, definharam e encerraram, como um dedicado aos quilombolas; outro sobre alfabetização de pescadores “Pescando Letras”; de apoio a indígenas, à moradias com os tijolos ecológicos “cinzagal”, etc. O mais abrangente porém e de mais significativos resultados, durante todo o tempo, foi inegavelmente o nosso “CGTEE-CNE”.

Com o fim dos contratos, o Canoagem na Escola continuou, mas somente em dois dos cinco municípios: Santa Maria mantendo-se somente pelo SMK, com apoios pontuais entre PMSM e UFSM; e São Leopoldo, com total abarcamento pela Administração Ary Vanazzi, tendo à testa, desde então, a dinâmica professora municipal Daniela Maioli, que recebeu a estrutura com 60 alunos e rapidamente atingiu números próximos dos 150, passando a figurar em vários eventos e campeonatos.

Percebe-se, pois que em Santa Maria, o Parque Náutico ficara prejudicado, pois o Clube já não mais priorizava a canoagem, com uma nova gestão diante de processos anteriores



às citadas administrações, por força imperiosa de antigas ações trabalhistas e de ordem tributária vintenárias em curso, pois que imprescritíveis, as atuais gestões permitiram leiloar o Parque Náutico, perdido por uma bagatela e sucateado, mantidos por diferentes interesses, o resto do acervo imobiliário.

Ocorre que em nossa cidade, há um diferencial do qual muito nos orgulhamos: a UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, com reconhecimento mundial nas múltiplas áreas do saber, também na Educação Física e Desportos, o CEFD.

Sem qualquer interrupção, em 2007 as aulas na UFSM passaram ser ministradas às cinco escolas municipais do Bairro Camobi, através de novas parcerias da UFSM e PMSM, com a presença de professores, acadêmicos estagiários e a própria comunidade ao redor. Até 2013 a Profa. Margareth fez-se presente à frente pela mídia, em contato direto com as instituições e todo o público, direções das escolas, eventuais auxiliares voluntários, etc.

No período entre 2014 a 2016 o material náutico foi utilizado por acadêmicos tanto do CEFD como de demais outros cursos, mormente moradores das casas de estudante CEU/ UFSM, estudantes estrangeiros e outros interessados.

Foi nos Jogos Olímpicos Rio 2016, quando o ex-aluno do Canoagem na Escola, ex-atleta SMK, depois ex-Clube Comercial e, por fim, representando Caxias do Sul, Gilvan Bitencourt Ribeiro contribui ao elevar a estima dos santa-marienses que o conheceram. Hoje é o Secretário de Esportes do Município.

É com pleno júbilo e orgulho que desde o ano 2017, meu filho primogênito Prof. Dr. Luiz Fernando Cuozzo Lemos, que estava vinculado como docente da UFRGS, foi também aprovado na UFSM, após concluir seu Doutorado UFRGS, e anterior Mestrado na UnB. Seu currículo é substancioso, estando desde tenra idade a tripular caiaques olímpicos, vivenciando por anos,





com firmeza, junto à Seleção Brasileira “Sprint”, sob orientação técnica dos treinadores de alto rendimento olímpico Zdzislaw Szubski, e Alvaro Koslowski.

Luiz Fernando, então na UFSM, continuou exercer sua habilidade na elaboração de projetos que auferiram à Instituição a Pista Atlética de Nível Olímpico Internacional, o Núcleo de Implementação da Excelência Esportiva e Manutenção da Saúde (NIEEMS) e outros não menos relevantes tal como, Canoagem UFSM, Atletismo UFSM, Canoagem Nova Palma junto ao projeto Geoparque da Quarta Colônia.

A Canoagem Nova Palma do NIEEMS reacendeu antigas lembranças de quando seu pai lá organizava maratonas, tal a outras provas disseminadas por rios, lagos e praias do Estado.

Em 2020, Givago Bitencourt Ribeiro, mais um que aprendeu a remar na indústria de sucessos “Canoagem na Escola”, foi eleito para a Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria.

Tais recordações somadas às recentes emoções ao ver antigos alunos conquistarem boas posições profissionais na vida, na política e na mídia, faz-se justo outorgar nesta oportunidade de manifestação pública à este qualificado e querido filho Professor Dr. Luiz Fernando Cuozzo Lemos, com total anuência da Profa. Margareth, pelo SMK, todo o futuro do projeto “Canoagem na Escola”, cujo nome e expressão serão cada vez mais bem lembradas, pois que a partir de agora, será orientada por tuas reconhecidas qualificações, mantendo a continuidade nos princípios solidários e ambientais, e assim transformando mais vidas, e benesses ao futuro da humanidade.

Sucessos em dobro é nosso desejo! Te amamos!

Margareth e Fernando Lemos.





## SOBRE OS AUTORES

### Luiz Fernando Cuozzo Lemos



Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutorado em Ciências do Movimento Humano. Coordenador do Núcleo de Implementação da Excelência Esportiva e Manutenção da Saúde (NIEEMS), do projeto “Canoagem UFSM” e do Programa de Mestrado em Gerontologia da UFSM, Ex-atleta da Seleção Brasileira de Canoagem.

Fonte: arquivo pessoal dos autores

### José Augusto Rodrigues Santos



Professor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto Jubilado. Doutorado em Biologia do Desporto. Ex-coordenador dos Departamentos de Atletismo e Desportos Náuticos. Ex-Diretor do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo. Ex-Treinador Selecionador da Federação Portuguesa de Canoagem. Preparador Físico das seleções nacionais de Futebol de Portugal (2000) e da Coreia do Sul (2003-2004). Campeão do Mundo de Canoagem Master (China - 2018).

Fonte: arquivo pessoal dos autores

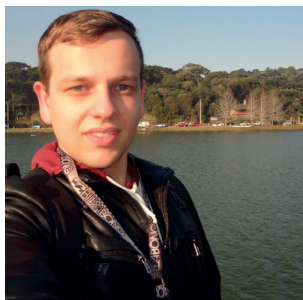
## Fernando Tadeu Miranda Lemos



Idealizador da Canoagem no município de Santa Maria nos anos 90, professor, fundador e coordenador do projeto “Canoagem na Escola”, Publicitário, Advogado e Especializando em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria.

Fonte: arquivo pessoal dos autores

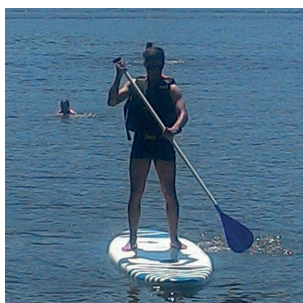
## Samuel Klippel Prusch



Membro do Núcleo de Implementação da Excelência Esportiva e Manutenção da Saúde (NIEEMS), Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria.

Fonte: arquivo pessoal dos autores

## Igor Martins Barbosa



Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Membro do Núcleo de Implementação da Excelência Esportiva e Manutenção da Saúde (NIEEMS), Doutorando em Farmacologia e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria.

Fonte: arquivo pessoal dos autores



## REFERÊNCIAS

BLISCHKE, K.; MARSCHALL, F.; MULLER, H.; DAUGS, R. Augmented information in motor skill acquisition. In: AUWEELE, Y.V., BAKKER, F. BIDDLE, S., DURAND, M. & SEILER, R. (eds) **Psychology for physical educators**. Champaign: Human Kinetics. p. 257-287, 1999.

FREITAS, F. C. **Relatório de estágio profissionalizante em canoagem velocidade**. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1999.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (org.) **Iniciação Esportiva Universal**. Belo Horizonte: UFMG, v. II. 1998.

IMBRIACO, P. J. **Idade para começar a remar...** Associação de Ecologia e Canoagem. Disponível em: [http://canoagem.org.br/arquivos/biblioteca/biblioteca\\_Texto\\_Idade\\_para\\_remar\\_2001\\_Paul\\_Justin\\_Imbriaco.pdf](http://canoagem.org.br/arquivos/biblioteca/biblioteca_Texto_Idade_para_remar_2001_Paul_Justin_Imbriaco.pdf). Acessado em 03 de abril de 2021.



UFSM  
PRE